

ENTREVISTA COM SAFA ALFERD ABOU CHAHLA JUBRAN

INTERVIEW WITH SAFA ALFERD ABOU CHAHLA JUBRAN



Sheila Cristina dos SANTOS
Doutoranda em Estudos da Tradução
Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-6314-3290>
sheilasantos100@gmail.com

Marie-Hélène Catherine TORRES
Professora titular
Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-9263-0162>
marie.helene.torres@gmail.com

Resumo: Apresentamos a entrevista com Safa Alferd Abou Chahla Jubran, professora, pesquisadora e tradutora cujo repertório de traduções do árabe ao português incluem obras de autores premiados, tais como: Youssef Ziedan, Gamal Ghitany, Alaa Al Aswany, Elias Khoury, Naguib Mahfouz e Tayeb Salih. Do português ao árabe Safa traduziu obras e textos de Martha Batalha, Milton Hatoum, Salim Miguel, Marcelo Maluf, além de poemas de Michel Sleiman e Marco Lucchesi. A entrevista nos foi concedida por e-mail em outubro de 2019 e aborda questões que perpassam a tradução do árabe ao português. Safa nos falou também de suas experiências acadêmicas e sobre sua posição teórica no que concerne o fazer tradutório. Nosso objetivo foi conhecer um pouco mais sobre as questões que envolvem o mercado de tradução das obras escritas em língua árabe e seus estudos no Brasil.

Palavras-chave: Tradução. Literatura árabe. Entrevista.

Abstract: We present an interview with Safa Alferd Abou Chahla Jubran, professor, researcher and translator, whose repertoire of translations from Arabic to Portuguese includes works by award-winning authors such as: Youssef Ziedan, Gamal Ghitany, Alaa Al Aswany, Elias Khoury, Naguib Mahfouz and Tayeb Salih. From Portuguese to Arabic, Safa translated works and texts by Martha Batalha, Milton Hatoum, Salim Miguel, Marcelo Maluf, as well as poems by Michel Sleiman and Marco Lucchesi. The interview was given to us by e-mail in October 2019 and it addresses issues intertwined with the translation from Arabic to Portuguese. Safa also told us about her academic experiences and about her theoretical position concerning translating. Our goal was to learn a little more about the issues surrounding the translation market for works written in Arabic and their studies in Brazil.

Keywords: Translation. Arabic literature. Interview.



Safa Alferd Abou Chahla Jubran¹ é professora livre-docente da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas na Universidade de São Paulo (USP) e professora associada no Departamento de Letras. Professora, pesquisadora, escritora e tradutora, contribui ativamente para a difusão da cultura árabe no Brasil como colaboradora do Instituto de Cultura Árabe (ICArabe) / São Paulo, que tem como objetivo estudar, divulgar e promover a cultura árabe no país.

Traduziu inúmeros textos do árabe para o português, entre eles: *Azazel* (Record, 2015), de autoria de Youssef Ziedan, *O chamado do poente* (Estação Liberdade, 2013), de Gamal Ghitany, *E nós cobrimos seus olhos* (Companhia das Letras, 2013), de Alaa Al Aswany, *Yalo, o filho da guerra* (Record 2012), de Elias Khoury, *Porta do Sol* (Record 2008) também de Elias Khoury, *Miramar* (Berlendis & Vertecchia, 2003), de Naguib Mahfouz, *Tempo de migrar para o norte* (Planeta, 2004/2019), de Tayeb Salih. Traduziu ainda, do inglês, a *Gramática do árabe moderno* (Globo, 2007), de autoria de David Cowan.

Do português ao árabe traduziu o livro do escritor brasileiro Milton Hatoum, *Chaqiqan (Dois irmãos)* (Dar Al- Farabi, 2002), *A vida invisível de Euridice Gusmão*, de Martha Batalha (Dar Al-adab, 2019), entre outros.

Safa Jubran foi a vencedora do *Prêmio Literário de 2014* da Academia Brasileira de Letras pela tradução do livro *E nós cobrimos seus olhos*, do egípcio Alaa Al Aswany, publicado pela Companhia das Letras. Em 2019, recebeu o prêmio *Sheikh Hamad* de tradução na categoria especial de tradução ao português, um reconhecimento à contribuição de Safa Jubran com a divulgação da cultura árabe no Brasil.

Nesta entrevista, que nos foi concedida por *e-mail*, ela reflete sobre o seu percurso, sobre a tradução, e sobre seus trabalhos como acadêmica.

1. Você nasceu no Líbano e veio para o Brasil com 19 anos. Poderia contar um pouco da sua história pessoal? O seu destino já era traçado? Isto é, sendo libanesa de origem, você era predestinada para divulgar a cultura e literatura libanesa no Brasil?

Nasci numa cidade pequena no sul do Líbano, onde morei até antes de vir para o Brasil. Eu era adolescente quando a guerra civil do Líbano eclodiu, o que contribuiu para que eu me tornasse adulta mais rápido. Sou a filha caçula, minha irmã mais velha já havia se casado com um brasileiro descendente de libaneses e já morava com a família no Brasil. A minha irmã do meio também já tinha se casado e mudado para o Canadá. Órfã de pai desde os cinco anos, o que havia sobrado da pequena família no Líbano, isto é, eu – a filha caçula –, e minha mãe,

decidimos visitar a irmã mais velha no Brasil, ficar alguns meses, retornar ao Líbano para que eu continuasse meus estudos e continuar seguindo com a nossa vida. Aqui conheci, logo que cheguei, quem viria a ser meu marido, começamos a namorar, noivamos e nos casamos, e foi assim que fiquei no Brasil. Não sei se posso dizer que eu era predestinada. Os eventos foram acontecendo e fui me adaptando a eles e às consequências. Após um tempo, e depois que me tornei professora na universidade, trabalhar para divulgar a língua e a literatura árabes passou a ser um projeto, ou melhor, uma missão.

2. Você fez os seus estudos na USP onde trabalha desde 1992. Poderia explicar em que medida a universidade dos anos 1990 e a universidade atual mudou, principalmente na área dos Estudos Árabes. E o perfil dos alunos que buscam a área do árabe? Como é trabalhada a tradução hoje nas aulas da graduação e da pós em árabe?

Estudei na USP e comecei a dar aula em 1992, na qualidade de Auxiliar de Ensino. Ao mesmo tempo estava preparando meu mestrado, que defendi em 1996, e logo em seguida fiz o doutorado, que terminei em 2001. Agora, como orientadora – e já há um bom tempo – percebo as mudanças ocorridas na universidade em relação a vários aspectos. Algumas boas, outras não. No que se refere às mudanças na área de estudos árabes, posso dizer que participei efetivamente do processo de mudança, junto com Mamede Jarouche e outros colegas. Conseguimos com trabalho e dedicação e, porque não dizer, com muitos sacrifícios também, transformar o Curso de Árabe num curso respeitado e procurado, tornando-o visível e atuante através das pesquisas, publicações e ações em todos os níveis desde os acadêmicos aos de gestão. Devo dizer que o perfil dos alunos mudou muito ao longo dos meus mais de 25 anos de atuação como professora. De alguns anos para cá, a opção do aluno pelo árabe é mais consciente e isso é perceptível a cada ano. Eles escolhem o árabe porque querem fazê-lo, e não porque não lhe sobrara nenhuma outra opção, como acontecia nos primeiros anos. O aluno do árabe é um aluno apaixonado pela língua e pela literatura, politizado, sensível às questões que afligem o mundo árabe, que quer seguir a carreira de tradutor, de pesquisador, enfim, anseia se tornar arabista. Muitos viajam para algum país árabe para experimentar uma maior inserção e para se especializar com cursos mais intensivos.

Independente do tema da disciplina, se é língua, literatura, ou mesmo tradução, a tradução está presente, em todos os níveis. Nas minhas aulas de língua árabe, eu uso muito a tradução e explico para eles as diferenças e as implicações. Na pós-graduação, este ano, vou trabalhar quatro aulas sobre a tradução do romance, comparar várias traduções e refletir junto

com os alunos a respeito. Estou trabalhando em aula com as obras: *Miramar*, *Yalo*, *Tempo de migrar para o Norte*, *Azazel* e *Chamado do poente*.

3. *No seu pós-doutorado, você estudou as ideias tradicionais médicas e de fármacos no Livro do Tesouro de Alexandre. Tem também projetos sobre um compêndio de alimentos e de medicamentos. De onde lhe veio esse interesse pelas plantas e pelos alimentos? Está traduzindo essas obras?*

O fato é que, ainda enquanto aluna na universidade, tive contato com um manuscrito de teor alquímico em árabe do século IX. Quem me apresentou o manuscrito foi uma professora da PUC de São Paulo, que queria aprender árabe para traduzi-lo e fazer seus estudos na Área de História da Ciência. Logo percebeu que isso levaria anos senão uma vida, e por isso me propôs de traduzirmos o manuscrito juntas e foi o que aconteceu. Mesmo assim, contando desde o início da tradução, passando pela elaboração da pesquisa e dos estudos até a publicação do livro, foram dez anos. Curiosamente este livro, neste ano, recebeu a proposta de ser traduzido para o inglês e está sendo preparado, com previsão de publicação virtual em 2020. Durante este tempo, eu fui me interessando pela área e comecei a pesquisar os compêndios de matéria médica escritos em árabe na idade média e ensaiei alguns estudos relacionados com o processo de transmissão desse conhecimento desde os gregos até a recepção e transformação atuada pelos árabes. Foi assim que nasceu esse interesse. Quando terminei o doutorado, fiz meu pós-doc nessa área, publiquei alguns artigos sobre o assunto e todos partiam da tradução do material do árabe para o português. A ideia, de fato, era que eu continuasse a pesquisa traduzindo uma seleção desse compêndio de Ibn-Albaytar, e que elaborasse um estudo sobre o material. No entanto, tive alguns problemas, pessoas me impediram por um tempo de me dedicar a isso, além do aumento da carga de trabalho na faculdade, por isso acabei interrompendo essa pesquisa. E assim, parti para um outro projeto para fazer a minha livre-docência: trata-se da fixação (em português), tradução e estudo de um texto sobre o elenco dos povos do mundo de então e do conhecimento por eles produzido, do séc. XI.

4. *Você fez muitas traduções. Em primeiro lugar, queríamos saber se começou, como muitos tradutores, com traduções técnicas? De que tipo? Você tinha alguma preparação técnica?*

Não. Minha primeira experiência foi a tradução daquele manuscrito alquímico, que de certa forma foi audácia minha. Acho que apanhei tanto que me fez refletir sobre a atividade de tradução. Aprendi durante o processo várias lições de uma vez. Depois, tomei coragem e

enfrentei todas as propostas, não recusei nenhum desafio. Cada tradução é um desafio, é um projeto novo, que exige atitudes e abordagens específicas. Fiz algumas traduções “técnicas” bem depois. Me lembro que num dado momento, traduzi para uma agência de publicidade todas as embalagens de todos os produtos da Sadia que eram exportados para o mundo árabe. Há pouco tempo, traduzi documentos, certidões, atestados, diplomas, procurações, etc., mas apenas para ajudar um amigo. Não tive preparação técnica, foi o acaso que me colocou nesta trilha e agora a tradução para mim é um prazer.

5. *A respeito das traduções que você fez, há traduções literárias e traduções mais científicas. Sobre estas últimas, gostaríamos de saber como escolhe os textos e como, de fato, trabalha? Se puder descrever o processo de tradução de alguns livros científicos que traduziu.*

Então, tirando *O livro do Tesouro de Alexandre* (o texto alquímico, hermético), o texto da *Hierarquia dos povos*, que são manuscritos de conteúdo não literário e também a gramática que traduzi do inglês, todo o resto que considero importante foram romances e poemas, portanto literatura. Fora o *Hierarquia dos povos*, nenhum texto foi escolha minha (e mais outro que está no prelo). Todos os romances foram escolhidos por editores que me procuraram e eu aceitei, pelo prazer do desafio, em primeiro lugar, e para disponibilizar em português o maior número de volumes de literatura árabe.

Como eu sou uma pessoa ansiosa, traduzo primeiro uma parte ou capítulo, uma tradução “grosseira”, apenas para sentir que consegui avançar. No dia seguinte, ou num momento posterior, volto ao texto e refaço a tradução a partir daquele “rascunho”. Isso pode se repetir várias vezes. Quando termino a obra toda, deixo-a “fermentar” por uma semana ou mais, depois volto, releio, mexo, arrumo, remexo, sempre observando a cadência e o tom, e tendo em vista o texto como um todo. Até agora, o que tem guiado este processo é o bom senso, me colocando sempre no lugar do leitor, e o respeito pelo texto original.

A cada livro traduzido, tenho percebido que fico mais audaciosa, no sentido de experimentar escolhas novas, sem muito receio. Como orientei alguns trabalhos e também participei de bancas de trabalhos de tradução, acabei lendo algumas teorias que me fizeram refletir sobre vários aspectos, mas não sigo nenhuma, cada texto para mim é um texto, eu não encaro todos os textos da mesma forma, até porque não sou a mesma pessoa em todos.

No que se refere à poesia, também, o processo é parecido, mas me sinto mais livre para recriar. Minhas experiências foram com a poesia moderna. Gostei e também gostaram do resultado.

6. *Você acha que a literatura de língua árabe traduzida, principalmente libanesa, é um fator determinante para a divulgação da literatura? Em que medida?*

Eu não falo em literatura libanesa, mas sim, árabe, isto é, aquela que é produzida em vários países, (só traduzi dois romances escritos por um libanês, Elias Khoury). Como disse antes, traduzo para divulgar a literatura árabe, que é uma das mais belas, ricas e variadas. Não penso na nacionalidade do autor, mas na obra que é escrita em árabe. É claro que algumas obras trazem características mais ou menos regionais ou típicas, apenas nesse caso é que considero a “nacionalidade do texto”.

7. *Você participou de diversos projetos, notadamente o projeto “Métodos e procedimentos para a fixação de manuscritos árabes de ciência”. Em que consiste esse projeto? Qual a sua importância? Quais os resultados preliminares?*

Este projeto de pesquisa foi decorrente da primeira experiência em tradução, que foi com o manuscrito do Tesouro de Alexandre: me obrigou a estudar muito sobre o assunto e me preparou razoavelmente para trabalhar com o tema. A tradução desses manuscritos de ciência exige de você um rigor diferente daquele que se pode aplicar a um texto literário, principalmente no que diz respeito à escolha do léxico, à pesquisa do contexto histórico, enfim, envolve uma série de exigências imprescindíveis.

Este projeto fazia parte de outro maior dentro da área de História da Ciência, junto com vários pesquisadores. Minha parte foi a seguinte: observar, comentar e sistematizar os procedimentos necessários e as etapas de fixação de um texto a partir de várias cópias manuscritas diferentes da mesma época. Além disso, apresentei várias sugestões sobre o que se deveria levar em conta durante sua tradução, caso essas viessem a ser exigidas.

8. *Pensando nos acontecimentos dos últimos anos que de certo modo jogaram luz sobre o “mundo árabe” (11 de setembro, primavera árabe, etc.), você acredita que a procura e consequentemente a tradução de literaturas originária desses países aumentou?*

Sim, de certo modo, sim. Houve um aumento considerável na procura pela literatura árabe traduzida após esses eventos. Veja que todos os livros de literatura por mim traduzidos ocorreram após aquela data. O mesmo ocorreu com outros tradutores. No momento, estou trabalhando com duas traduções para editoras novas que me procuraram com propostas originais. Me parece que há, atualmente, um interesse renovado.

9. *Como é o processo com as editoras, elas preferem literaturas árabes ditas mais clássicas? Como é a aceitação e a procura por obras da literatura árabe moderna?*

Depende da política, da filosofia e do tamanho da editora também. Acredito que, hoje em dia, a preferência seja por livros mais contemporâneas, excetuando o *Livro da Mil e Uma Noites*, que é imbatível. As editoras querem vender, por mais que digam que não é isso que norteia, de certo modo, as escolhas. A coisa está mudando um pouco agora, mas a escolha na maioria das vezes era feita assim. Via-se o que estava fazendo sucesso em traduções para línguas europeias, o que era traduzido para inglês, francês, alemão, compravam-se os direitos e propunha-se a tradução. Acho que no caso dos textos clássicos, o caminho é um pouco diferente, parte de sugestões que não estão tão ligadas à questão mercadológica. Atualmente percebo uma mudança. Já existem editoras pequenas que estão decidindo sozinhas, seguindo o gosto e a vontade de seus editores, não do que está acontecendo na Europa.

Não sei como é a aceitação, mas acho que é de razoável à boa. Não teve nenhum livro publicado, por exemplo, que não fosse resenhado nos grandes jornais ou revistas, às vezes mais de uma: isso leva a uma divulgação maior, o que significa mais livros vendidos e mais leitores.

10. *Quais autores você gostaria de traduzir? Você gosta de traduzir poesia? Eu, Sheila, li alguns poemas do poeta sírio Nizar Qabanni traduzidos por você e outros tradutores e publicados na revista Cadernos de Tradução e Literatura (USP). Como você definiria a diferença entre traduzir a prosa e a poesia árabes?*

Gostaria de traduzir muitos, muitos autores. Estamos falando da produção de mais de vinte países. Há literaturas surpreendentes. Começo a traduzir na minha cabeça todo livro que leio, enquanto o estou lendo, de tanta vontade de transpô-lo/recriá-lo para/em a língua portuguesa. No entanto, não tenho o luxo de traduzir no momento e não publicar, ou esperar para achar editor. Tenho traduzido o que me é sugerido ou pedido pelos editores, mas não sem me certificar da qualidade e importância. Tinha me esquecido desta tradução dos poemas do poeta sírio Nizar Qabanni. Talvez fosse a primeira tradução. Ainda estava tímida e talvez encarasse o poema como um texto de prosa. Penso que cada gênero exige atitudes diferentes. A meu ver, quem traduz poesia tem que ser um pouco poeta, no sentido de estar disposto e pronto para nadar em sensibilidades múltiplas e de ser arrebatado por ondas de emoções diferentes. Gosto muito de traduzir poesia moderna, porque ali eu “brinco” de ser poeta, sou mais livre para criar, posso voar, gosto muito. Já traduzi Mahmoud Darwish, Tamim Barguthi, e alguns poemas publicados em revistas dentro de artigos.

11. *Para você, qual a importância da tradução e qual seria seu papel social em uma cultura?*

Aqui, para evitar repetições, vou fazer minhas as palavras do José Saramago: “Os autores escrevem as suas respectivas literaturas nacionais, mas a literatura mundial é obra dos tradutores”.

12. *Podemos falar um pouquinho do projeto de tradução organizado pela Revista Pessoa e pelo governo dos Emirados Árabes? Como foi o processo da tradução? Qual a importância de um projeto dessa amplitude?*

A Editora Chefe da Revista Pessoa, Mirna Queiroz, entrou em contato comigo e me propôs a tradução de uma seleção de textos para o árabe, sem me dar muitos detalhes, e me falou do prazo que era ínfimo. Como queria muito traduzir textos da Literatura Brasileira para o árabe aceitei, mas propus a ela que Mamede (Jarouche) entrasse comigo no projeto para agilizar.

Assim, eu escolhi os textos que já conhecia ou com os quais tinha mais afinidade e os outros ficaram com Mamede. Decidimos que eu revisaria os dele, ele os meus, e assim o fizemos. Os textos foram enviados, voltaram de lá com sugestões de poucas mudanças e foram publicados.

Eu gostei muito de traduzir estes textos, foi um desafio, pois não é nada fácil oferecer um texto como *Lavoura Arcaica* do Raduan Nassar para o(a) leitor(a) árabe, ainda mais a tradução de um trecho tirado do meio do romance o qual já não é de leitura fácil em português.

Traduzi também Milton Hatoum, Salim Miguel, Marcelo Maluf, além de poemas de Michel Sleiman e Marco Lucchesi.

A importância estava em oferecer ao leitor árabe textos que poderiam dar uma ideia sobre vários tipos de narrativas escritas por brasileiros.

Me parece que o critério da escolha dos autores foi a descendência, a maioria eram descendentes de árabes, excetuando Lucchesi.

13. *Sobre a tradução de obras estrangeiras em língua árabe, percebe que houve um aumento de projetos que objetivam o aumento dessas traduções? Desde a criação do projeto Kalima até agora, você notou um maior fluxo tradutório para os países de língua árabe?*

Não, não consegui até agora ver nenhum sinal neste sentido, acredito que não houve tempo ainda, imagino que teremos algo nos próximos meses, mas não creio que podemos ainda chamar de fluxo.

No entanto, acaba de sair no Líbano uma tradução minha, solicitada e elaborada no ano passado. Creio que essa possa abrir o caminho. Trata-se de *A vida invisível de Euridice Gusmão*, da Martha Batalha. Imagino que a editora libanesa, pela qual a tradução saiu, e que é uma das mais renomadas editoras dos países árabes, tenha conhecido o livro na sua tradução francesa e gostado do tema. Além do mais, parece que o Brasil, através do Programa de Tradução da Fundação da Biblioteca Nacional, tem incentivado por meio de seus editais a tradução da Literatura Brasileira para outras línguas. A experiência com este romance foi muito interessante porque além da tradução, eu fiz muitas notas explicativas, pois a história das irmãs Gusmão se desenrola no Rio de Janeiro dos anos 40, muitos temas são abordados ao contar essa história de um Rio de Janeiro dos anos 1940, quando as mulheres ainda eram criadas apenas para serem boas esposas e mães, temas como violência, marginalização e injustiça são tratados com humor e ironia. Minha preocupação básica é cuidar para que tudo isso não se perca na tradução. Já tive retornos positivos de alguns leitores.

14. *Na sua opinião qual o lugar das teorias da tradução na atividade tradutória? Segue conscientemente alguma teoria?*

399

Não sigo conscientemente nenhuma, mas aprendi muito com algumas delas, como já disse numa resposta anterior. Diferentemente de colegas que dizem que nenhuma teoria serve ou dá conta de cobrir a tradução de um texto árabe. Eu já acho que é possível usar procedimentos de várias, sempre tendo como árbitros o bom senso e a sensibilidade do tradutor, principalmente no que esses elementos trazem em relação à presença do tradutor dentro do texto e ao respeito do texto original e até suas intenções políticas. A partir do momento que o tradutor se entende como “coautor”, no sentido de participar da criação do texto em outras línguas, sua presença será notada e visível, através da escolha lexical, das “inferências” que se julgar importantes para garantir a compreensão no texto, salvaguardando a identidade e a intenção do texto original. Se o tradutor se colocar no lugar do autor e do leitor durante o processo, ele será notado. Não adotar o papel apenas de mediador, mas de participante ativo e consciente do processo (re)criativo, assim, com suas decisões efetivas fará com que sua voz seja ouvida, nem que seja como suspiro.

15. *Você é especialista em fonética e fonologia e, entre outras atividades, é líder do Grupo de pesquisa TARJAMA – Escola de Tradutores de Literatura Árabe Moderna. Como se deu a passagem da linguística para a literatura? E, principalmente nas questões tradutórias quais*

são os grandes desafios linguísticos, pensando nas diferenças entre o árabe e o português. Você traduziu o método de ensino de árabe “Gramática do árabe moderno: uma introdução”, de David Cowan, como foi o processo de tradução e no que ele se difere de uma tradução literária?

De fato, tanto o mestrado como o doutorado foram na área linguística, e mais precisamente em fonética e fonologia. Mas logo depois, fui sendo puxada pelos acontecimentos para outras áreas. De qualquer forma, desde o início da carreira eu estava envolvida na tradução: após ter traduzido várias obras, acabei formando este grupo que tem a proposta de ser um laboratório, onde experimentamos e discutimos possibilidades de tradução. Então, aos poucos, eu fui me distanciando da fonética e da fonologia e me aproximando da tradução, principalmente de textos literários.

Nas questões tradutórias, os desafios linguísticos são muitos e diferentes.

Por exemplo, a tradução que fiz da *Gramática do árabe moderno: uma introdução*, de David Cowan, difere muito de uma tradução literária, porque neste caso, existe um rigor e uma precisão para com a terminologia gramatical. A tradução foi do inglês, eu ainda tive que, além de observar os fatos linguísticos do árabe, traduzir para o português, porém a partir do inglês: isso exige um trânsito entre três línguas e mais, entre fatos linguísticos e gramaticais. Não foi difícil, mas sim trabalhosa, porque o conteúdo vinha em árabe, em português e ainda transliterado.

Voltando aos desafios, primeiramente, diria que se trata de línguas de famílias linguísticas diferentes. A respeito desse fato, vou escolher apenas um tópico, que agora me vem à mente, (embora haja muitos) para explicar. No árabe existem dois tempos verbais, que concebem as ações como perfectivas (acabadas) e imperfectivas (não acabadas). Essas duas formas implicam mais o aspecto do que o tempo e isso pode causar problemas e dificuldades na tradução do árabe ao português, levando em conta o número dos tempos e aspectos verbais existentes na língua portuguesa. A partir disso a dificuldade está na adequação do tempo verbal.

Outro desafio é traduzir práticas ou aspectos ligados à religião islâmica ou a costumes e traduções culturais do Mundo árabe, lembrando que estamos falando de muitas culturas e até literaturas diferentes. São mais de 20 países situados em dois continentes. Portanto, não se pode esperar que sejam uniformes nem na língua nem na literatura que produzem e obviamente nem na cultura em que os molda.

16. *Como você vê o futuro da tradução e o seu estudo num mundo cada vez mais conectado?*

De um certo ângulo, a existência de “um mundo cada vez mais conectado” deveria implicar um contato proporcional com a compreensão do outro, até chegarmos talvez a fazer com que esse “outro” seja “nós”. Mas viu-se que isso está levando mais a relações conflituosas, as quais não vem ao caso discutir aqui. O papel da tradução neste contexto vai se mostrando cada vez mais importante, exatamente porque, teoricamente, por meio da tradução está se buscando a aproximação, o entendimento e a inserção. A Tradução é a ferramenta para entrar em contato com o “outro”, seja qual for o tipo: a juramentada, a técnica ou a literária. Sendo esta última a responsável pela aproximação de mundos, por cancelar ou pelo menos atenuar o estranhamento entre as pessoas e as culturas.

17. *Você acredita que haja alguns elementos que devem ser recriados em uma tradução? De que maneira podem-se identificar tais elementos de uma obra que devem ser recriados, com alguma alteração, na tradução?*

Sim, se partirmos de uma premissa simples e óbvia que é: traduzir um texto é “recriá-lo” ou até mesmo “criá-lo” em outra língua. Isso já pressupõe que teremos elementos que deverão e serão recriados, e aqui entra o papel do bom senso do tradutor, que tem que saber dosar essas alterações e prever os limites para que a tradução não se torne um novo texto totalmente diferente. O que me preocupa no momento é se as alterações são necessárias, desejadas ou se elas têm por trás uma intenção política, orientada ideologicamente, de apagamento de traços culturais ou de perpetuar a imagem criada por conceitos orientalistas, por exemplo. No que diz respeito à maneira de identificar tais elementos, imagino que não seja tarefa fácil ou pontual, porque podem ser de naturezas diversas, culturais, linguísticas, filosóficas, religiosos, sociais, etc...

401

18. *Para terminar, ainda sobre os textos literários, como você entende a importância da literariedade desses textos?*

Eu entendo esta questão de modos diferentes dependendo do texto: se o texto é clássico, se é literário, ou de ciência, se é texto moderno, se é ficção, isto é, cada tipo de texto requer a meu ver uma abordagem diferente em que a literariedade tem um papel mais ou menos importante.

Ainda no texto literário, esta literariedade não pode ser a responsável por criar um texto ‘monstro’, esquisito (no sentido de estranho), em que o leitor sinta a todo momento que está andando num caminho cheio de pedras.

Agora estou tendo uma experiência interessante, estou tentando achar saídas para ela, sem que cometa o crime de apagar os traços identitários culturais, sociológicos e linguísticos do texto de origem e sem tornar o texto traduzido uma aberração: como traduzir no meio do texto, uma série de provérbios típicos de uma região distante de um país desértico. Sabe-se que é característica do provérbio ser ligado e atado a uma certa língua-cultura. Este é um desafio, que pode responder uma pergunta anterior e faz pensar e refletir sobre a literariedade também.

¹ Safa Alferd Abou Chahla JUBRAN – Professora livre-docente da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas e professora associada no Departamento de Letras na Universidade de São Paulo (USP). Doutorado (2001) e Mestrado (1996) em Linguística pela Universidade de São Paulo. Graduação em Letras (1990) pela mesma instituição. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Orientais. São Paulo, São Paulo, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1117-5995>

Currículo acadêmico: <http://lattes.cnpq.br/4837156504005356>

E-mail: sjubran@usp.br

402

NOTAS DAS AUTORAS

Sheila Cristina dos SANTOS – Doutoranda e Mestre em Estudos da Tradução (2018) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduada em Língua e literatura francesa (2016) pela mesma instituição. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6314-3290>

Currículo acadêmico: <http://lattes.cnpq.br/8735210240449193>

E-mail: sheilasantos100@gmail.com

Marie-Hélène Catherine TORRES – Professora Titular da Universidade Federal de Santa Catarina. Membro permanente na Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará (POET) e da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET). Doutorado em Estudos em Tradução pela Katholieke Universiteit Leuven, Bélgica (2001), Mestrado em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (1995) e Licenciatura Dupla Português-Francês pela Universidade Federal de Santa Catarina (1992). Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9263-0162>

Currículo acadêmico: <http://lattes.cnpq.br/1477390958277483>

E-mail: marie.helene.torres@gmail.com